

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM): um século de História.

Otávio Luiz Machado.

Cita:

Otávio Luiz Machado (2014). *Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM): um século de História*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

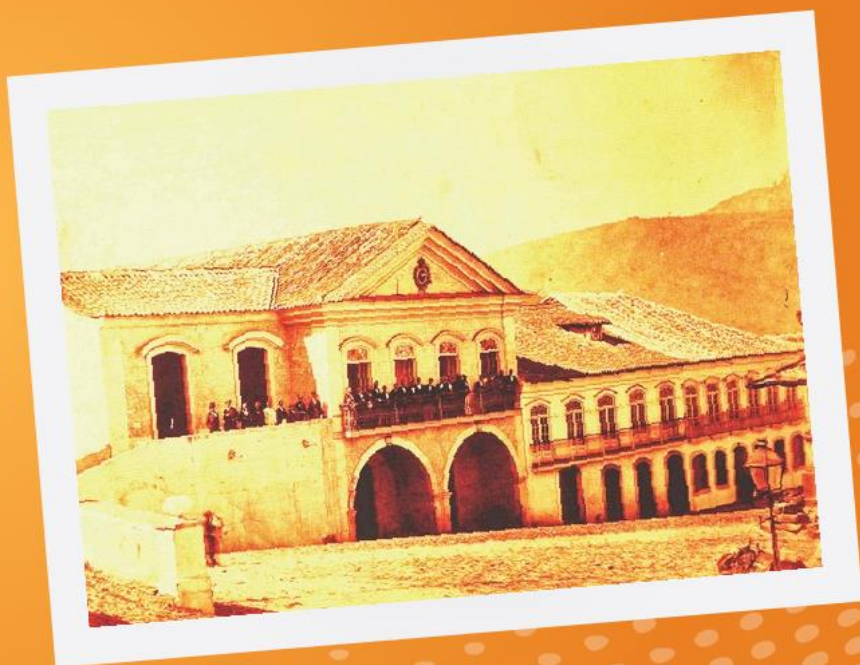
Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/49>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/mqp>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

OTÁVIO LUIZ MACHADO

**Centro Acadêmico da Escola de Minas
(CAEM): um século de história**



EDITORA PROSPECTIVA

Otávio Luiz Machado

**CENTRO ACADÊMICO DA ESCOLA DE MINAS
(CAEM): UM SÉCULO DE HISTÓRIA**

1ª edição

**Frutal-MG
Editora Prospectiva
2014**

Copyright 2014 by Otávio Luiz Machado

Capa: Editora Prospectiva

Foto de capa: Otávio Luiz Machado

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM): um século de História – Frutal: Prospectiva, 2014.

ISBN: 9788567463063

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil.
CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:

Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-MG

E-mail: otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575

DEDICATÓRIA

O livro é dedicado a duas figuras que considero marcantes para o CAEM e que merecem ser homenageadas na presente edição (o que não indica que outros nomes também não merecessem ser destacados): o funcionário Francisco Sérgio de Oliveira (mais conhecido como “Espingarda”) e o ex-aluno da Escola de Minas e fundador do REMOP (a instituição-irmã do CAEM), Francisco Carlos Pinheiro Faro, o Chico Faro. O “Espingarda” é parte da história da entidade por estar fazendo parte do corpo de funcionários por duas décadas, sendo uma figura reconhecida por sua dedicação vestindo a camisa do Centro. Faro foi incansável, cuja liderança em conjunto com seus colegas, acabou resultando na troca do prédio da Praça Reinaldo de Brito com o da Praça Tiradentes, inclusive suas adaptações, para a efetivação das sedes próprias do CAEM e do REMOP. Que as gerações de hoje e do amanhã possam reconhecer no protagonismo de tantos nomes as heranças que hoje estão aí fazendo parte do cotidiano da cidade de Ouro Preto e de sua universidade! Que a chapa ATIVA, a que atualmente coordena o CAEM, também se sinta contemplada na nossa dedicatória!

SUMÁRIO

Dedicatória	01
Introdução: CAEM e a sua função social até hoje	04
A fundação do CAEM	08
O Papel social do CAEM cidade de Ouro Preto	11
A luta pela existência do CAEM e de uma sede própria	14
O papel cultural do Centro Acadêmico	20
Alunos de Farmácia e de Engenharia	24
Os locais que o Centro Acadêmico circulou	28
O CAEM nos anos 1960 e a efervescência política	40

Introdução: CAEM e a sua função social até hoje

O Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM) é parte da história de todo estudante formado em Ouro Preto. Em especial dos que estudaram na Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Quando falamos do Centro, o que se vê é uma exitosa entidade que articulou em torno de si toda uma tradição estudantil, dando o seu melhor. A colaboração do CAEM com o DAEM (Diretório Acadêmico da Escola de Minas), com o REMOP (Restaurante da Escola de Minas), com a ADEM (Associação Desportiva da Escola de Minas) e com as próprias repúblicas estudantis da cidade é algo que merece uma grande reflexão. Tanto cedia seu espaço para as assembleias do DAEM, como associou-se com essa entidade para dividir o prédio do REMOP. Por exemplo, na Assembléia Geral ordinária de 30 de março de 1951, foi cedida, em votação, uma sala à ADEM na nova sede do Centro.

A longevidade do CAEM é algo que a História das juventudes brasileiras precisa enfocar, considerando que estamos falando de uma das entidades estudantis mais antigas do Brasil. No livro que publiquei intitulado **Movimentos Estudantis, Formação Profissional e Construção de um Projeto de país**¹ foi dado destaque numa parte às entidades mais tradicionais dos cursos de Engenharia do Brasil, como o Grêmio Politécnico da USP (1903), o Centro de Estudantes Universitários da UFRGS (1903), o Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia da UFMG (1914), o Clube Acadêmico

¹ MACHADO, Otávio Luiz. **Movimentos Estudantis, Formação Profissional e Construção de um Projeto de país**. Frutal: Prospectiva, 2013.

de Engenharia de Pernambuco (1915), o Centro Acadêmico Horace Lane da Escola de Engenharia do Mackenzie (1915), o Centro Acadêmico da Escola de Minas (1915).

Talvez poucos saibam que o CAEM foi convocado para o movimento de regulamentação da profissão na área de Engenharia, a preservação do patrimônio histórico e artístico, o debate dos mais diversos temas fundamentais para a sociedade, o engrandecimento do valor humano dos estudantes de Ouro Preto etc.

Como alguém que também participou da história do CAEM e guardou dentro de si as melhores lembranças em termos de aprendizagem na relação com outras pessoas, de interação social, de oportunidades de namoradas e de conhecimento histórico, o que me moveu a escrever o livro foi o de reconhecer na entidade estudantil chamada CAEM toda uma importância histórica, social e cultural que não podia ficar entregue somente nas lembranças das pessoas ou nas gavetas das recordações do passado.

Uma oportunidade especial de fazer o nosso sonho de continuar escrevendo sobre a história dos estudantes de Ouro Preto veio em 2010, quando fomos convidados para uma palestra sobre os 95 anos do CAEM, cujo sucesso da empreitada deve-se à direção do CAEM de então, à Fundação Gorceix, à UFOP e a muitos nomes da época. Pelo que soube o Areli Nogueira (Xu-pão) indicou o meu nome para a atividade. Também ajudaram na viabilização da minha presença como palestrante o então vice-reitor Antenor Barbosa, o Cristovam Paes e o Antônio Gomes de Araújo (Tunico) da Fundação Gorceix, sem contar todo o apoio que tive da minha República de sempre, a Aquarius (em especial ao Brutus do qual me cedeu seu quarto nos dias que posteriormente acabei ficando em Ouro Preto naquela

oportunidade). Ao Fabrício Miranda, que era ligado à direção CAEM, por formalizar o convite!

Só posso dizer que a ocasião única de escrever o livro **AQUARIUS: A MAIOR REPÚBLICA ESTUDANTIL DAS AMÉRICAS, OURO PRETO, MINAS GERAIS, BRASIL**, que lancei em novembro de 2013 na República Aquarius, também foi a oportunidade de mais uma vez me aproximar o CAEM e criar novas bases para que pudesse escrever uma obra sobre sua história. Para a oportunidade de voltar a Ouro Preto nessa ocasião tive o apoio do ex-aluno José Fernando Coura, presidente do Sindiextra (Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas) Gerais e do IBRAM (Instituto Brasileiro de Mineração).

Um mês depois do lançamento da Aquarius estava novamente em Ouro Preto, a convite do programa **SOU MAIS JUVENTUDE**, o qual também sou grato por me propiciar um retorno às origens e manter a chama do meu compromisso com a reconstituição histórica dos estudantes de Ouro Preto. Minha gratidão ao Reitor Professor Marcone Jamilson Freitas Souza, assim como a coordenadora do programa, Professora Cláudia Braga de Andrade (agradecimento estendido aos demais membros da equipe). Sem contar que a Assessoria de Comunicação da UFOP também merece todo o nosso respeito por contribuir conosco quando lançamos algum trabalho de interesse da UFOP.

A escrita de um livro sobre uma entidade que até hoje ninguém se arriscou a escrever traz para mim uma grande responsabilidade. Não sou um autor que caiu de paraquedas nessa história, só construí um trabalho que me deu o privilégio de abrir várias temáticas, mesmo faltando apoio financeiro e material de verdade para que tudo fosse feito.

Como é imensa a quantidade de pessoas que estiveram atuando diretamente no CAEM ao longo de sua história, então digo aos que tive o prazer de conversar o quanto fico agradecido pelos relatos e a confiança estabelecida. Ao longo do livro poderão conhecer alguns desses nomes, bem como ter acesso a partes de documentos únicos sobre a entidade, que foram obtidos ao longo de várias pesquisas e num esforço de pesquisa formidável. A responsabilidade de tudo que for questionado sobre o livro cabe exclusivamente a minha pessoa, obviamente.

Não poderia deixar de afirmar que é preciso reconhecer que o CAEM cumpre uma função social importante até hoje na cidade de Ouro Preto. Além de estar atualmente aberto a todos os estudantes da UFOP, também oferece uma atividade de lazer e de integração de todos os estudantes, e destes com a comunidade de Ouro Preto como, por exemplo, através da cessão daquele espaço para atividades locais recreativas, educativas e culturais.

Como clube social, os acontecimentos sociais, sejam datas comemorativas, formaturas, baile de debutantes e outros eventos envolvendo a população estudantil ou ouropretana como participantes, aconteciam no CAEM. Alguns destes ainda acontecem.

É fato que aquilo que marcou o CAEM em boas páginas de sua história não vai ser mais possível ser encontrado por lá nos dias atuais, como a sua impecável biblioteca (que foi doada à UFOP nos anos 2000), a sua sortida discoteca (que foi substituída por aparatos mais tecnológicos) e o seu precioso arquivo (a última notícia que tive é que foi levado por ex-aluno para Belo Horizonte).

Alguns elementos da minha vivência podem ser iguais se comparados com a história pessoal de muitos que por lá

passaram. Citaria o aperfeiçoamento do gosto musical e o incremento da bagagem cultural, além de ter sido o CAEM o local ideal para o embalo de algum namoro. No meu caso, como conheci a Amanda numa festa junina da República Aquarius, ainda tive a oportunidade de levá-la para um restaurante da cidade para melhor conhecê-la, mas só foi devido ao ambiente do CAEM que nós tivemos o namoro embalado. Até hoje Amanda pode ser considerada uma das pessoas mais doces que conheci na vida. Mesmo que a presença dela tenha sido passageira.

A fundação do CAEM

O Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM) foi fundado tendo como primeiro nome o de Centro Acadêmico de Ouro Preto. Foi em 26 de outubro de 1915! Teve como um dos seus fundadores o então estudante Paulo Andrade Magalhães Gomes (Engenheiro de Minas e Civil formado em 1921). Eram poucos sócios, tendo a maioria estudantes de Engenharia da Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), mas também alguns estudantes da Escola de Farmácia de Ouro Preto.

Com a transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, em 1897, o que se viu na antiga Vila Rica foi um cenário de desolação, de lamentos, de perdas.

Com o CAEM, o que se pretendia era criar um local de irreverência, de descontração, de integração e de efervescência social e cultural que permeasse todos independentemente de serem estudantes ou não. Então, como uma voz não apenas para os acadêmicos. Uma voz para a cidade de Ouro Preto, que preenchesse o vazio, que

movimentasse novamente a cidade e que desse aos seus jovens mais animação, ao mesmo tempo em que pudesse cuidar da sua formação como pessoa humana.

Mas para se estabelecer, o CAEM precisou pagar aluguel, mudar várias vezes e angariar recursos para se sustentar e sobreviver. Sendo assim, então pode se dizer que até 1946 funcionou em imóveis particulares, que eram pagos geralmente com muitas dificuldades. Em uma de suas reuniões, a de 13 de dezembro de 1925 (sob a presidência do Sr. Antônio F. Ribeiro), discute-se a situação do contrato com a dona do prédio, na qual “o sr. Presidente diz não ter feito ainda o contrato com a proprietária da nossa sede...” (atas do CAEM).

Como não tinha uma estabilidade financeira em seu início, o Centro Acadêmico, para angariar fundos necessários ao seu funcionamento, em 03 de janeiro de 1926 decidiu-se sobre receber diversos apoios e os aceitou como do “gentil e sympathico gesto do Sr. Salvador Tropa, proprietario do Cine Theatro Municipal, que offereceu ao Centro metade dos lucros em uma sessão mensal de sua casa de diversões, encarregando-se o Centro de vender as entradas” (atas).

Também, nesta ocasião ficou decidido cobrar novamente os sócios atrasados, obter auxílios junto aos engenheiros formados pela Escola de Minas e enviar um pedido ao Presidente do Estado (Governador), pedindo-lhe um donativo, assim como também o trabalho de uma comissão para tentar obter da Empresa de Força e Luz de Ouro Preto um ano de luz gratuitamente.

Sobre o pedido ao Governo Estadual, foi lida na sessão da Diretoria de 24/11/1926 carta do Presidente do Estado, F. Mello Vianna, que a responde: “não tenho verba para isso no

orçamento”, e que, “além disso, abriria o precedente de todas as associações congêneres solicitarem a mesma subvenção, e como vê seria impossível atender a todas” (atas).

Ainda mais, o Sr. Vianna tece comentários sobre a situação do Centro diante de tais pedidos: “Finalmente, noto que, paga a dívida, continuaria a mesma situação, pois se vê que a instituição não pode custear as despesas que tem”. Diante desta negativa, o CAEM tinha que tomar providências em relação aos sócios e também aceitar a solidariedade dos Ouro-pretanos. Como citamos o apoio de Salvador Trópia anteriormente, ocorreu também, em 20 de dezembro de 1925, durante reunião, a comunicação pelo Presidente de que “uma comissão de moças vai dar um baile no próximo dia 31, em benefício do Centro e que elle espera a colaboração de todos os directores” (atas).

Na sessão ordinária da diretoria, realizada a 27 de março de 1938, “o sr. Moacyr, comunica já ter se entendido com a locataria do predio onde funciona o Centro, tendo sido aceito a renovação do contrato por um ano, que esta redigindo e breve apresentará a diretoria” (atas).

Na sessão de 10 de outubro de 1942, houve uma comunicação do Sr. Tesoureiro que

“... contou que estando com a proprietária do prédio da sede do C.A. em Belo Horizonte, combinou com a referida senhora a respeito da limpeza do prédio, dizendo que fôra autorizado de faze-la contanto que a mesma fosse ao maximo a 600\$00” (atas).

Estes e outros assuntos, referindo-se à conquista do atual imóvel o tratamos mais adiante, no sub-capítulo “os locais que o centro circulou”.

O Papel social do CAEM na cidade de Ouro Preto

O Centro Acadêmico ainda é o mais destacado espaço social de Ouro Preto. No seu início não havia pessoa que visitasse Ouro Preto e que não quisesse conhecer seu Centro Acadêmico, pois era uma grande atração na cidade.

Nas primeiras décadas de seu funcionamento era comum a visita de estudantes provenientes principalmente de Belo Horizonte, como as normalistas, que disputavam as atenções dos estudantes com as moças de Ouro Preto, as suas nativas, quando não, despertava crises de ciúmes, pois os moços estudantes eram até então detentores do título de bons casamenteiros.

Em 1925, no início das comemorações da festa do 12, os preparativos contemplam a presença de uma moças de Belo Horizonte:

“Pedindo a palavra, o sr. 2o oradôr, Souza Vianna, diz que está nesta cidade uma turma de jovens normalistas de Bello-Horizonte e que, estudantes como nós que ellas são, merecem as homenagens deste centro. Em vista disto o oradôr propõe: - 1) que vá uma comnissão do Centro convida-las para a sessão solenne de amanhã – 2) que se contrate uma orchestra para, depois da sessão, tocar para uma dansa que seja feita por causa dellas, já que as condições financeiras do Centro não permitem uma cousa direita que lhes pudesse ser dedicada” (ata da sessão da Diretoria em 10 de outubro de 1925).

As sessões solenes do Centro se misturavam com posses das diretorias, palestras e eventos comemorativos de datas célebres. No princípio da entidade, sem amplos espaços para estas sessões, que contavam com a presença de boa parcela da comunidade de Ouro Preto, utilizavam-se, principalmente, das

dependências do Fórum ou da Câmara Municipal.

Os carnavais eram também promovidos pelo Centro. No de 1939, “a venda de confete e lança-perfume rendeu, de comissão, para o Centro a quantia de 48\$000 que foram gastos na própria ornamentação da sede” (atas). Porém, os eventos que destacamos como importantes do Centro foram as conferências que organizava, com a participação da população de Ouro Preto. Além de cumpri-las com bastante pompa, fornecia aos estudantes uma inserção entre os espaços da cidade, com dinamismo e atuação. Analisando as atas do Centro Acadêmico, foram diversos estes eventos organizados, com forte presença e com temas e conferencistas importantes para apresentação.

No dia 21 de abril de 1923 o Centro Acadêmico de Ouro Preto realiza uma sessão solene no salão do Fórum de Ouro Preto. O Presidente do Centro faz uma apresentação da data e do conferencista, Lúcio José dos Santos, que segundo ele é um “brilhante cultor das lettas e história patrias”, da presente data de 21 de abril com o tema: “O papel de Tiradentes na Inconfidência”, convidando a seguir para presidir a sessão o juiz de direito de Ouro Preto, Manoel Vieira de Oliveira Andrade, com numerosa assistência.

Um outro evento realizado no dia 1º de janeiro de 1924, no salão da Câmara, sob a presidência do próprio Presidente da Câmara, Sr. Alfredo Teixeira Baeta Neves, realizou-se a palestra “Problema da Siderurgia Nacional”, a cargo do Professor Clodomiro de Oliveira.

Outra sessão solene, realizada no dia 14 de julho de 1925, o Pe. José Marcos Penna, sobre esta data comemorativa, palestra, com o término segue-se a peça musical “Marselheza”, executada por orquestra a convite do Centro. Para comemorar a data 15 de novembro, aos 19 de novembro

de 1926, o Centro convidou o capitão Sebastião Pinto de Carvalho para conferenciar, que “de posse da palavra o illustre Conferencista discorreu em frases brilhantes e eloquentes sobre a Bandeira, enaltecendo o Brasil quanto a sua riqueza e liberdade” (atas).

Na edição que compreendeu os números 4, 5 e 6 da *Nossa Revista* (de 1929), foi noticiada a conferência do Professor Magalhães Drumond, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e natural de Ouro Preto, que foi recebido inicialmente na estação central por estudantes e pelo povo em geral, cuja notícia traz a sua atividade no CAEM:

“S. Ex. visitou o Centro Acadêmico como professor da Universidade, onde foi recebido em sessão solemne e cumprimentado pelos academicos Juarez Caldeira Brant e José de Carvalho. Vamos dar um esboço resumido o que foi a sua notavel oratoria no Centro Academico. Começou salientando a necessidade de maior approximação e de melhores relações entre os estudantes brasileiros”.

Também houve a convocação na *Nossa Revista* para que o CAEM participasse da luta em prol da regulamentação da profissão de engenheiro:

“O Centro Academico de Ouro Preto, actualmente, se constitue, em maioria absoluta de alunos da Escola de minas. São portanto, futuros engenheiros os actuaes socios desta agremiação de classe estudantina. Não compreendo como ainda o centro nada fez para a união de seus ex-socios, que podem ser considerados socios correspondentes. Ninguem nega que é uma necessidade a organização em classe dos engenheiros em Minas Geraes, e o Centro Academico como sociedade de futuros engenheiros tem por obrigação incentivar este congraçamento. Com uma orientação segura, tendo o apoio dos engenheiros de

Ouro Preto e o auxílio da Escola de Minas, que não pode ficar indiferente, o centro realizará este empreendimento que muito concorrerá para a defesa da classe e para o engrandecimento da profissão. Henrique Gorceix, fundando a Escola de Minas, advertia, em relatório enviado a D. Pedro II, que não era só fazer profissionais era preciso empregar-os. No conselho superior de ensino, actualmente reunido no Rio, foi aberta franca campanha pelo Dr. Paulo de Frontim em prol da regulamentação da profissão dos engenheiros. Os engenheiros já estão trabalhando! Porque os estudantes não os auxiliam? Façamos a união, a união faz a força, a não ser que se considere isto 'idealismo'! ... J.P.” (Nossa Revista, Publicação acadêmica de Ouro Preto, ano II, número 8, jan-ab, p. 15)

A regulamentação pelo Estado da profissão de engenheiro veio a ocorrer com o Decreto nº 23.569, de 11/12/1933. Com isso, estabelecia a exclusividade da profissão àqueles que tivessem obtido diplomas em instituições oficiais ou autorizadas pelo Estado, assim como tivessem sido credenciados pelo Conselho de Engenharia e Arquitetura, o CONFEA (Machado, 2013).

A luta pela existência do CAEM e de uma sede própria

Uma conversa que tive com o Professor Antônio Moreira Calaes anos atrás foi fundamental para conhecer a luta inicial do CAEM para sobreviver, principalmente no tocante ao de manter uma sede para seu funcionamento.

Também foi importante para recuperar o papel das duas instituições estudantis de Ouro Preto na melhoria da vida universitária, principalmente o D.A.:

“Tínhamos também um Diretório Acadêmico atuante e responsável que sofreu muita represália, principalmente por

parte da Diretoria da época. Portou-se galhardamente. Entendia que seu papel de representação responsável seria o ideal, embora na relação entre o Diretório Acadêmico e a direção da Escola de Minas tivesse muita discordância e represálias” (Depoimento de Antônio Moreira Calaes a Otávio Luiz Machado).

No caso do CAEM, a principal luta do período do Prof. Calaes (início dos anos 1930) era por uma sede definitiva, mesmo que o prédio não fosse de sua propriedade:

“Com muita dedicação e apoio da sociedade ouro-pretana conseguimos fazer renascer o Centro Acadêmico de Ouro Preto, notadamente através da conquista de uma sede própria. Pois que ele, sobretudo, por falta de uma sede própria estava a extinguir-se, inexoravelmente. Modestamente destacamos aqui a nossa laboriosa participação nesse episódio de reerguimento, no exercício da Presidência do Centro Acadêmico de Ouro Preto, por dois mandatos anuais sucessivos, quando, tradicionalmente, a sua Diretoria era renovada anualmente. Com a criação (por força de lei) das Diretorias Acadêmicas da Escola de Minas e da Escola de Farmácia de Ouro Preto, a presença e atuação do Centro Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto junto à Sociedade ouro-pretana mais se realizaram” (Depoimento de Antônio Moreira Calaes a Otávio Luiz Machado).

Para a sede que foi inaugurada em 1933, os membros do CAEM fizeram um esforço significativo para ter o apoio dos ouropretanos, para que pudessem dar vida nova ao Centro:

“Conseguimos convencer o Senhor João Fortes, que era um dos ricaços comerciantes, a emprestar, por meio de promissórias, os recursos necessários para a construção do prédio. Ele recebeu

dos estudantes o compromisso de colocar o seu botequim no pavimento inferior. Aí o Centro Acadêmico ocupou o segundo pavimento. Com isso, ele desenvolveu os negócios dele. No novo prédio ele pôde montar o bar completo” (Depoimento de Antônio Moreira Calaes a Otávio Luiz Machado).

O coroamento da nova sede veio no dia 15 de abril de 1933, quando o Centro Acadêmico de Ouro Preto, com a presença de sócios beneméritos, Diretor da Escola de Farmácia, representantes do Diretório Central da Universidade do Rio, Prefeito Municipal, Club dos Batutas e do Grêmio Alphonsus de Guimaraes, deu um passo para o seu estabelecimento com melhores condições de manutenção. Foram oradores do Centro: Joaquim Maia e José Rollemberg Leite. Com bastante empolgação e firmeza, o estudante Joaquim Maia abre a sessão em nome do Centro Acadêmico:

“Minhas senhoras e meus senhores. É este o discurso oficial de inauguração da nova séde do Centro Acadêmico de Ouro Preto. (...) O Centro é de acadêmicos. E nessa epocha da vida, a gente tem um horror a tudo que é rotineiro e prefere sair por aí a fora, tropeçando aqui, caindo acolá, nessa “cavalheiresca jornada”do entusiasmo moço (...) Mas, há tanta coisa interessante na historia do Centro ... Tudo que caracteriza essa vida agitada do estudante. As mesmas luctas. Os mesmos imprevistos. E é natural. As comunidades hão de forçosamente refletir os movimentos generalizados. Uma sociedade de estudantes há de ser mais ou menos irrequieta como um estudante. O todo, o conjunto, é uma sommasão das parcelas”.

Joaquim Maia faz o levantamento da posição do jovem sob uma ótica que deseja aos de sua geração:

“E nós viemos vindo assim pelo tempo. Ora bem, ora mal,

sempre entusiastas. Porque o estudante é moço e moço é idealista. Acredita nesta balela gostosa de optimismo (...) e viemos lutando, pelejando pelos ideaes da classe. Manejando neste terreno safaro e hostil que o meio nacional offerece á ideologia estudantina. Onde quasi tudo está por fazer e as conquistas da classe não passam de meras concessões provisórias de moralidade mais ou menos duvidosa”.

Sob as entidades, o orador deixou claro que o recém-fundado DAEM viria a se somar com o CAEM:

“Onde se tenta crear um espirito universitaria sob a egide de instituições utopistas. Eu fui um dos que acreditaram que com a criação do Directorio Acadêmico, orgão official de representação de alumnos, o Centro ficaria com suas finalidades um tanto aliviada. Ou passaria a ser mais uma sociedade recreativa. Muitos ainda pensam assim. É um engano. Não resta duvida que a criação do Directorio foi um grande passo. Mas, na presidencia deste, taes têm sido os (obices) e entraves encontrados, que, mais que nunca me certifiquei da necessidade das associações livres de Estudantes, capazes de para si viverem e se bastarem. Dellas ainda há muito a esperar. De estudantes, para os estudantes, pelos estudantes. O terreno é agreste as instituições officializadas pouco mais são que um sonho bonito...”

Ao final entrega e agradece a população, estudantes e professores, o Centro que ora se inaugurava:

“Aqui está o Centro que podemos offerecer á sociedade ouropretana. Que ella se acostume considera-lo um pouco seu, já que tanto nos auxiliou. E que o queria bem sempre, como até aqui o tem querido”.

Após o discurso de Joaquim Maia foi realizada uma

conferência pelo Dr. Odorico Albuquerque a convite da Diretoria do Centro com o tema “Universidade e Cultura”, que segundo o caderno de ata, não foi transcrito por estar “devidamente arquivado”.

O ano de 1933 foi rico em termos de conferências. Ocorreram, por exemplo, em 30 de outubro uma com o tema “Processo expedido de levantamento de itinerários”, por Henrique Carlos Mauall.

Em sessão solene de 26 de outubro de 1933, comemorativa do aniversário do Centro Acadêmico, ocorreu a conferência de Paulo Magalhães Gomes, fundador do Centro, e Alberto Mazoni, sócio benemérito.

Joaquim Maia versou sobre “Marasmo educacional em Ouro Preto” em 06 de novembro de 1933. Na mesma sessão falou o Sr. Jardel Borges Ferreira tema “divagações metaphisicas”.

Na sessão de 20 de novembro falou o sr. Moacyr do Amaral Lisbôa sobre “hypotheses sobre o povoamento da América”. Na sessão de 27 de novembro de 1933 o sr. Jardel Borges falou sobre o “achamento do Brasil”.

As posses, também, não deixavam de se ter um brilhantismo, como em 1934, quando o Presidente de 1933, Antônio Moreira Calaes, abre a sessão, com um discurso, relatando a história do centro, seus desafios e missões a cumprir:

“Esta missão, senhores, encarado pelo prisma das necessidades varias da nossa classe, tem, principalmente no meio quasi isolado dos outros centros congeneres do paiz, um papel de extraordinaria importancia no complemento de nossa educação, secundando o preparo tecnico que recebemos na Escola de Minas” (ata da sessão solene de 1º de janeiro de 1934 com posse da nova Diretoria).

Em 1950, próximos de ocupar a nova sede, em Assembléia Geral Ordinária realizada no dia 28 de abril, o Presidente Geraldo Almeida Fonseca fala sobre a nova sede, referindo-se às pessoas que receberão o título de sócio benemérito, com o apontamento de alguns nomes. Domingos Lana acrescenta novos nomes, com a intervenção do seu colega Chico Borges do Nascimento, propondo esperar a inauguração da nova sede para se prestar então a homenagem a estas pessoas.

O assunto volta, assim, na Assembléia Geral extraordinária em 20 de outubro de 1950, em que se discutem os nomes indicados e realizam a votação pela Diretoria para o quadro de sócios beneméritos. O primeiro nome é o de Américo René Giannetti, vencido por unanimidade. Em seguida o de Euvaldo Lodi que foi bastante questionado, em apresentação de um membro do C.A., por sua doação ter havido interesse eleitoralista”. Pedro Calmon não foi considerado, na explicação de um dos votantes, porque “não saiu de suas atribuições quando doou o auxílio ao Centro”. O nome do Governador Milton Campos é bem mais discutido. “Olimpio menciona ainda as dificuldades que o Governador teve que vencer para conseguir as verbas para reconstrução do prédio em virtude da precária situação financeira do Estado” (atas). Um ex-presidente do CAEM, Domingos Lana, relembra a situação quando ocuparam o prédio, na sua gestão: “da Secretaria das Finanças veio ordem, por telegrama, para que abandonássemos o prédio. Depois de rápidos entendimentos o Dr. Milton Campos foi notificado e se conservou a nosso lado ordenando que permanecêssemos”. Milton Campos se torna, após votação, sócio do Centro. O nome de Afonso Arinos de Melo Franco é rejeitado. Outros

nomes são confirmados nesta assembléia.

As conferências voltam à pauta, quando em reunião ordinária da Diretoria realizada no dia 19-04-1948 discutem-se sobre a realização de novas conferências sobre temas atuais “como o problema do petróleo, aproveitamento do Vale do São Francisco, do Santo Antônio etc.

Em uma destas conferências houve um mal-estar gerado por um dos conferencistas, pois feriu seu caráter apartidário, ou seja, de não exaltar nenhuma corrente política em seu interior. Desta forma o Centro repudiou uma conferência realizada pelo jornalista Bentes Pampôlha causou um rebuliço na reunião da Diretoria realizada em 9 de abril de 1947, cujo tema foi “o que vai pelo Brasil”.

Em vista do péssimo resultado da mesma, era necessário tomar-se uma atitude que evitasse acontecimentos semelhantes no futuro. Iniciando as discussões disse Olimpio ter aceito a conferencia acreditando nas qualidades do orador e também na propaganda favorável ao mesmo feita pelos colegas desta cidade. Acrescentou ainda Ter avisado ao orador ser o Centro Academico uma associação completamente apolítica.

Neste mesmo mês a Diretoria encaminhou ao Diretório Acadêmico um protesto contra um “um artigo publicado pela “Tribuna de Ouro Preto” em sua edição de 13 de abril de 1947, o qual faz referencias pouco elogiosas à nossa classe”.

O papel cultural do Centro Acadêmico

Após a doação do que sobrou de sua biblioteca à UFOP nos anos 2000, o CAEM deixou de cumprir uma de suas funções primordiais, a cultural, pois sua biblioteca era muito apreciada pelos estudantes e pela comunidade de Ouro Preto,

que sempre colaboravam para o aumento de seu acervo, pela sua preservação e utilização.

Pudemos acompanhar nas atas da entidade a existência de algumas raridades bibliográficas, muitas dispostas em coleções completas. Uma curiosidade que destacamos foi a ordem dada ao “tesoureiro para que incluísse as dívidas aos sócios que assinaram a doação de uma coleção de Freud em suas mensalidades”(2ª reunião da Diretoria em 13-04-1947).

Sempre se cobrava muito dos sócios em relação à biblioteca, como a devolução dos livros emprestados em atraso, pois o bibliotecário, que era eleito juntamente como membro da Diretoria, não conseguia controlar a desatenção e indisciplina dos sócios. Um exemplo da situação da biblioteca foi quando o membro David Dequech pede seu fechamento temporário, a título de organização, em Assembléia Geral Ordinária em 1º de junho de 1953:

“Se a biblioteca não for fechada imediatamente, a desorganização será cada vez maior e ainda mais agora que vai receber uma doação de livros, mais ou menos, do teatro e precisa catalogá-los etc. e de algum modo podem ser retirados antes do bibliotecário ter terminado a sua classificação” (atas).

A doação a que se referia Dequech foi apresentada na Assembléia Geral ordinária de 21 de agosto de 1953, pelo Presidente. Tratava-se de uma grande doação da família de Dr. Lourenço Baeta Neves, ou seja, as obras completas de Shakespeare.

Além das doações, o CAEM adquiria muitos livros, pois em uma das sessões “decidiu-se escrever ao representante de uma Cia. Editora, que nos ficou de vender uma coleção completa de Humberto de Campos” (ata da sessão de 16-10-1946).

O CAEM não reunia somente no seu espaço a marca de participação na vida social e cultural, como também em outros espaços. É o caso do discurso de Fuad Rassi em nome do Centro nas comemorações dos quinze anos Grêmio Literário Tristão de Ataíde na sede dessa entidade. No discurso percebe-se claramente a importância da solenidade:

“Elegeram-me, na presente gestão, orador do Centro Acadêmico da Escola de Minas; porém, os colegas jamais imaginariam que fossemos, êste ano, recepcionar TRISTÃO DE ATAÍDE” (revista A Voz do GLTA, ano I, número 1, outubro de 1953, p. 40)

O espaço do CAEM abriu espaço para apresentações do grupo chamado Batuque [dx, que era composto por muitos estudantes da EMOP, como é o caso do maestro Ubirajara Quaranta Cabral, que foi responsável por vários arranjos do reconhecido Coral de Ouro Preto. Sou grato ao ex-aluno Kleber Farias Pinto por me fornecer importantes informações sobre esse fato histórico, além de tantos outros que venho utilizando nas minhas pesquisas.

Segundo o Dicionário MPB, a atuação de Ubirajara em Ouro Preto foi fundamental para colocar o nome da cidade no cenário nacional e na própria história da música popular brasileira:

“No final da década de 1950, criou na cidade de Ouro Preto o Coral Ouro Preto, com 10 vozes masculinas e nove vozes femininas, considerado um divisor de águas na passagem para a bossa nova. O Coral de Ouro Preto, ganhou título nacional, do Jornal do Brasil, de melhor coral de música popular do início dos anos 1960. Destacou-se também como criador de trilhas sonoras para o teatro. Ainda em 1961, fez os arranjos para as

músicas "Oh Mary don't You weep", "Serenô", "Deep River", "Swing low sweet chariot", "Prenda minha" e "Menina me dá teu remo", para o primeiro LP do Coral de Ouro Preto lançado pela gravadora Polydor. Em 1962, teve duas composições gravadas pelo Coral Ouro Preto: "O vento não sabe" e "Balada das ladeiras de Ouro Preto", ambas em parceria com José Manso Cabral. Em 1964, fez a adaptação da modinha "É a ti flor do céu", gravada pelo Coral Ouro Preto em LP Polydor. Sob sua batuta, o Coral Ouro Preto lançou cinco LPs pelas gravadoras Odeon e Polydor além de participar de coletâneas e realizar apresentações em diferentes cidades" (Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/ubirajara-cabral/dados-artisticos>).

Não poderia deixar de falar do espaço do CAEM como um ponto de irreverência estudantil com o desfile dos “bixos”. Nada mais relevante culturalmente os desfiles deles nos anos 1950 e anos 1960, quando nas ruas os calouros levavam cartazes satirizando a sociedade e a própria EMOP. Um ex-orador do CAEM (que era professor da Escola) foi um dos alvos dos estudantes num dos desfiles, cuja sátira identificava inclusive o famoso cachimbo do mestre. O velho Joaquim Maia ganhou a alegria dos estudantes, sendo assim podia extravasar o desconforto que tinham com ele e ajudar a integrar os estudantes da Escola.

Nos últimos 30 anos, o CAEM é palco do famoso “Miss Bixo”, onde os calouros desfilam fantasiados de mulheres e as mulheres desfilam fantasiadas de homens. É um ritual acadêmico significativo que mobiliza as repúblicas, dá visibilidade aos “bixos” e mantém a tradição do CAEM na centralização de boa parte das atividades de lazer dos estudantes de Ouro Preto.

Alunos de Farmácia e de Engenharia

Em 1927, o Centro Acadêmico de Ouro Preto não se limitava a aceitar apenas alunos da Escola de Minas. Se associavam, também, alunos de Farmácia, porém em número bastante reduzido. Na sessão ordinária de 6-3-1927, por exemplo, foram deferidos 26 estudantes de Engenharia e apenas um de Farmácia. Analisando as atas do Centro, deparamos bastante com críticas aos estudantes de Farmácia, como na ata da sessão ordinária de 09 de outubro de 1927, levantando-se uma questão pelo 1º Secretario em relação a membros da Diretoria da Escola de Farmácia não estarem conseguindo atrair novos sócios daquela Escola.

O vice-presidente aparteia respondendo “parece que diariamente os alumnos de Pharmacia não querem ajudar”. O presidente comentado o Baile de formandos em Farmácia do final do ano, diz que apenas 2 destes formandos eram sócios do Centro.

Sempre foi ressaltado em várias reuniões da Diretoria do Centro os convites de participação dos estudantes de farmácia para o Centro: “O Sr. Moraes propõe que se convide, novamente, os alunos da Escola de Pharmacia para fazerem parte de nossa agremiação (Ata da sessão ordinária da Diretoria de 14 de abril de 1929). Em uma outra sessão, a questão da baixa participação dos alunos de Farmácia é levantada, pois ao pedir a palavra “o Sr. Ribeiro que lamenta o facto de, entre 14 pharmaceuticos da turma de 1924, apenas 2 serem sócios do Centro”.

Na 2ª reconvocação da sessão ordinária em 15 de novembro de 1925, pelo Presidente Joaquim Senra, no dia 17 de novembro de 1925, em que também está fechado as eleições para a Diretoria, em que se procede a eleição da

mesma em 10, se recolhe as cédulas e fornece o resultado. Pedindo a palavra, o sr. Vice-Presidente eleito, em seu nome e dos ocupantes eleitos também, para o cargo de 2º procurador e 2º oradores, pedem demissão das funções que acabam de ser eleitos. O presidente pede uma explicação quanto a essa retirada de serviços ao Centro. Diante de tal convocatória, o demitente retira esse pedido, portanto, para que depois o faça por escrito, inclusive com as razões ou justificativas. O Presidente eleito, enfim, faz algumas considerações sobre os desafios de sua gestão. E salienta que o Presidente anterior foi menosprezado por ser da Escola de Farmácia por alguns alunos da Escola de Minas. O ex-presidente, estudante da Escola de Farmácia diz ter sido realmente menosprezado, e que a decisão dos demissionários se deu pelo fato de que já estava previsto caso a chapa não vencesse na integralidade. Diz mais que trabalhou pelo Centro quanto pode, inclusive fazendo até que entrassem 41 alunos da Escola de Pharmácia para o Centro. Finalizando despede se do Centro agradecendo aos da Escola de Minas que o distinguiram com pura amizade e desejando que os alunos da Escola de Minas fiquem donos do Centro. Eis o registro em ata:

“O Sr. João Sampaio com a palavra diz que a Escola de Minas nunca desejou ser dona do Centro e diz mais que a Escola de Pharmacia com os 41 sócios, de que falou o Sr. Terra, poderia eger toda a directoria de alunos de Pharmacia” (idem).

Nesta mesma sessão, um dos demissionários diz que sua atitude se deve ao fato de um aluno da Escola de Minas mencionar que “não havia na Escola de Pharmacia pessoa competente para ocupar cargos na Diretoria”.

Quanto a este assunto seria interessante lembrar que se discutiu na Assembleia Geral Ordinária de 1º de abril de 1933

a admissão de alunos da Escola de Farmácia como sócios efetivos, não tendo muita aceitação entre os alunos de Engenharia (ata da seção ordinária da Diretoria do Centro realizada em 6 de setembro de 1924).

Na Assembleia Geral extraordinária de 26 de dezembro de 1938 surge uma proposta quanto a presença dos estudantes da Escola de Farmácia de no máximo 1/3 do total, para que assim não se perdesse a ligação com o Diretório Acadêmico. Um membro explica que “o Centro precisava ser reconhecido pelo Diretório Acadêmico sendo por isso excluídos os estudantes de Farmácia da categoria de sócio efetivo”. Decide-se montar uma comissão para se estudar o caso e trazer para votação em uma próxima reunião.

Na Assembléia Geral Extraordinária, realizada em Segunda convocação, no dia 23 de outubro de 1946 surgiu uma proposta de mudança de nome do Centro Acadêmico de Ouro Preto para Centro Acadêmico 12 de outubro (em homenagem ao dia de fundação do curso de Minas do Brasil). Outro membro disse ser conveniente manter-se o atual nome, pois faria justiça aos alunos de farmácia de pertencerem como sócio efetivo ao Centro. Outro orador surge com a proposta de nome para Centro Acadêmico da Escola de Minas e Metalurgia. Perguntam-se na assembleia se o prédio para a nova sede foi doado para os estudantes de Ouro Preto ou para o Centro Acadêmico de Ouro Preto. A Segunda é a resposta. Há ainda um esclarecimento de um orador de que “no caso de ser dar aos alunos da Escola de Farmácia todos os direitos de sócio efetivo, como o de votar e sêr votado, o Diretorio Acadêmico da Escola de Minas não poderia mais reconhecer o Centro Acadêmico”. Ficou para uma próxima reunião, no dia seguinte.

Em Assembleia Geral Extraordinária em 3ª reconvocação

no dia 29 de outubro de 1946, com a presença inicial de 71 sócios presentes, iniciam-se os trabalhos, cuja discussão primeira votação foi em relação a mudança do nome do Centro, bastante discutida na última Assembléia, que ninguém mais quis discutir, foi posta em votação a proposta do sócio Isidoro Dequech para se mudar o nome do Centro para “Centro Acadêmico da Escola de Minas”, que foi aprovada com 32 votos a favor e 30 contra.

Continua a discussão sobre os alunos da Escola de Minas e a Escola de Farmácia, na Assembléia Geral Extraordinária em 24 de outubro de 1946. Um sócio chega a considerar anti-democráticos os alunos da Escola de Minas ao não permitir a entrada dos alunos de farmácia como sócios efetivos. Há também, por parte de um dos presentes a fundação de uma associação pelos alunos da Escola de Farmácia, achando que é tais atitudes sejam um rebaixamento dos alunos de Farmácia. Na votação, é aprovada a emenda, que conserva o projeto de mudança do nome com 44 votos, enquanto o outro projeto, de manutenção dos alunos de Farmácia no Centro contou com 21 votos. Assim, o Centro Acadêmico de Ouro Preto passa a se chamar Centro Acadêmico da Escola de Minas.

Assim, nos estatutos do criado Centro Acadêmico da Escola de Minas, em seu artigo 3o, reza: “Só poderão ser sócios efetivos os alunos matriculados na Escola Nacional de Minas e Metalurgia” (Ouro Preto, 10 de novembro de 1946) A questão da desvinculação dos alunos da Escola de Farmácia do CAEM foi objeto de discussão em agosto de 1949, em que

“...o 2o secretario sugeriu à diretoria para que fôsse tomadas providências sobre o assento dos sócios da Escola de Farmácia, assunto êsse que há muito anda complicado. Frizou ainda que a diretoria deveria no futuro tomar providências para que se unissem os laços dos alunos daquela Escola com o Centro

Acadêmico, procurando resolver a situação dos mesmos. O colega vice-presidente apoiou aquelas palavras, sendo que o colega 1º Secretário Helen Bessa, frizou terem os alunos da Escola de Farmácia pedido demissão do Centro Acadêmico e que, como tal, estava na vontade deles voltarem ou não a ser sócios do mesmo” (Ata da reunião extraordinária da Diretoria do CAEM de 15 de agosto de 1949).

Assim, quatro dias depois, em reunião da Diretoria, o Centro Acadêmico discutiu a situação com os alunos de Farmácia:

“O primeiro assunto debatido foi o referente aos alunos da Escola de Farmácia, que no parecer do sr. Salim Fraya e dos membros da diretoria o pedido de demissão do Centro Acadêmico da maioria dos alunos daquela Escola se baseia no desejo de se tornarem sócios efetivos. Assim sendo ficou decidido que eles é que devem voltar a serem sócios contribuintes por livre vontade” (ata da reunião da Diretoria de 19 de agosto de 1949).

Quem estudou em Ouro Preto até os anos 2000 percebia claramente o grande distanciamento dos estudantes de Engenharia dos estudantes de Farmácia. Talvez o que aconteceu no CAEM possa ser a origem dessa prevenção de uns estudantes para com os outros

Os locais que o Centro Acadêmico circulou

Um dos primeiros endereços foi numa casa que existia ao lado da Ponte dos Contos, na Rua São José, ao lado de uma importante lanchonete que posteriormente era carinhosamente chamada de “pastelzinho”.

O local do Centro inaugurado em 15 de abril de 1933

com o discurso de Joaquim Maia localizava-se no antigo Bar Brasil, que ficava na esquina da Rua São José com a Rua Teixeira Amaral (a ladeira que segue para a Igreja São José).

Um dos locais que sediou inicialmente o CAEM foi um dos roteiros preciosos que inspirou posteriormente o talentoso artista Alberto da Veiga Guignard, cuja arte de desenhar Ouro Preto o consagrou após sua morte como um nome à altura de Aleijadinho e Mestre Ataíde em Minas Gerais.

O prédio anterior ao atual encontrava-se onde atualmente é o Fórum de Ouro Preto (na esquina da Rua do Paraná com a rua Direita). Foi em 1950 que o presidente da entidade (Geraldo de Almeida Fonseca) conseguiu levar o CAEM para o prédio da então Coletaria Estadual. O apoio dos ex-alunos foi fundamental para agir junto aos órgãos do Estado de Minas Gerais.

Eu arriscaria dizer que nesse prédio localizado precisamente na Praça Reinaldo Alves O. de Brito (no entrocamento com as ruas Direita e do Paraná), o CAEM instalou-se em um espaço amplo, decorado e muito bem mobiliado, sem se falar da sua grande discoteca, com um acervo considerável. Segundo o ex-aluno Kleber Farias Pinto, uma das grandes atrações do Centro era o baile de debutantes, com a realização de um grande concerto de piano. Em suma, possuía uma posição bastante destacada na cidade, com uma vasta biblioteca, sala de esportes, salão de festas etc.

Oficialmente, como pudemos perceber, a discussão sobre a posse de um imóvel próprio pelo Centro foi primeiramente levantada na reabertura da Assembléia Geral Extraordinária de 15 de outubro de 1934, prorrogada para 03 de novembro de 1934, quando o Presidente inicia passando para conhecimento dos sócios o “movimento em prol da construção de uma séde propria para o Centro Acadêmico, recorrendo aos antigos

alunos da Escola de Minas no sentido de contribuir cada um com uma quota, para se levar de vencida tal desejo” (atas).

A partir daí foram diversos contatos, diligências, reuniões e negociações para colocar em prática esta intenção de terem uma sede própria levantada oficialmente desde 1934. Na sessão ordinária realizada em dois de outubro de 1941, O sr. Presidente leu uma carta dirigida por ele ao Sr. Dr. Vicente Rigola, na qual solicitava o seu concurso junto do Exmo. Sr. Governador do Estado de Minas para obtenção de um prédio para o Centro Acadêmico, tendo a carta sido aprovada.

As negociações com o Estado de Minas Gerais são comunicadas em sessão ordinária realizada em 16 de julho de 1943:

“Em breves palavras o Sr. Presidente relatou de sua conversa com o Dr. Demerval Pimenta, dd. Secretario da Viação do Estado, sobre a fundação de uma sociedade de ex-alunos anexa ao Centro Acadêmico, as suas finalidades, etc. E, também, algo sobre a doação pelo Estado do antigo prédio da Secretaria da Viação, convenientemente remodelado, ao Centro, que passaria a utiliza-lo como sede propria. Em vista disse o Sr. Presidente pediu ao Sr. Tesoureiro que suspendesse a ordem dada de procurar uma casa que correspondesse às nossas atuais necessidades. Afim de que tudo andasse o mais depressa possível, ficou assentado que o levantamento seria feito pelo proprio Centro, bem como a subdivisão dos andares”.

Em 1945 conseguem um importante espaço para consolidar a nova sede, quando o Presidente informa que “o Dr. Geraldo Pridade comunicara ao C.A. que fora aprovado pelo Governador do Estado, o projeto e orçamento da nova sede do C.A.” (8ª reunião ordinária da Diretoria, realizada a

13/04/1945).

Em 1946 a nova Diretoria inicia enérgica a questão da nova sede, e em sua primeira reunião já decidem que “o Presidente e o Tesoureiro, encarregarão das partes, financeira e atividades necessárias à mais rápida conclusão da nova sede”(atas da 1ª Reunião da Diretoria de 1946, realizada a 15 de março). No final deste ano, no sentido de dar continuidade aos assuntos da nova sede, em reunião de novembro “Inicialmente tratou-se da escolha dos quatro nomes que comporiam a Comissão da nova sede” (Ata da sessão realizada em 14/11/1946).

Na reunião extraordinária da Diretoria do Centro Acadêmico realizado em 2 de setembro de 1947, teve várias discussões sobre o caso da nova sede do C.A.

“Disse o colega [Presidente] ser este o motivo principal desta Reunião [o caso da nova sede do C.A.]. Iniciando sua exposição disse Olimpio ter ido a pouco tempo atrás a Belo-Horizonte em companhia do Lelio para conversar com o Dr. Giannetti. Na viagem encontrou-se com o sr. José Dias, aluno da Escola de Farmácia e atual presidente do Diretório Acadêmico daquele estabelecimento. Disse este ter conversado com o Governador do Estado e a êle explicado que, com a doação do prédio ao Centro Acadêmico, o governo estadual beneficiaria uma escola da Universidade prejudicando uma Repartição estadual, no caso a Coletoria local. Acrescentou ainda que o governador sabia da atual situação dos alunos de farmácia no Centro Acadêmico. Em vista desses fatos, disse o colega presidente que, na sua opinião, o DA da Escola de Farmácia era o maior culpado na questão, e perguntou qual seria a atitude da diretoria. Apresentou a sugestão de se fazer um memorial ao governador memorial este assinado por vários políticos locais, pedindo também a ajuda do Dr. Américo René Gianetti. O colega Celso Sarmiento disse que vemos procurar saber o motivo

da retirada da doação, nos dirigindo para este fim ao Sr. Secretario das Finanças ou ao Dr. Gianetti. O presidente avisou também que antes da Assembléia Geral, na qual ficou resolvido que os alunos da Escola de Farmácia continuassem como sócios contribuintes do C.A., foi tirada uma cópia da Ata de fundação do Centro Academico que foi lida em A.G. do D.A. da Escola de Farmácia. A A.G. acima referida foi realizada em outubro do ano passado. Terminando os debates sobre tal assunto o presidente disse que conversaria pessoalmente com o dr. Gianetti logo que fosse possível. Foi então o colega secretário incumbido de redigir ofícios aos sócios excluídos comunicando a decisão da Assembleia geral, e também pedindo a devolução dos livros da Biblioteca”.

O Presidente comunica em 18 de outubro de 1947, durante reunião da Diretoria que esteve com o Dr. Gianneti na nova sede do Centro no dia 13 e que “o pedido para que o prédio fosse doado definitivamente ao Centro foi apresentado ao Dr. Gianeti sendo que este afirmou que conseguiria o predio para nós”.

Já em 1948, o Presidente do Centro Acadêmico comentou sobre

“... sua ida e do sr. Lélío José Cipriani a Belo Horizonte, para conversar com o Governador Milton Campos sôbre a verba para o término da futura séde do Centro e a respeito da doação da mesma. Continuando, relembrou a dificuldade na saída da última verba e que o Governador Milton Campos em conversa com os srs. Olímpio Garcia Brandão e Lélío José Cipriani afirmou que a verba tinha sido despachada, isto é, vinha para o acabamento do prédio. Para certificar-se disso o Sr. Presidente conversou com o Sr. Amadeu, que o aconselhou a ir a Belo Horizonte e entender-se diretamente com o Governador Milton Campos e dr. Américo René Gianetti, em audiência previamente marcada” (Ata da

reunião da Diretoria em 8 de abril de 1948).

Na reunião ordinária da Diretoria realizada no dia 19-04-1948, o

“... sr. Presidente falando sobre sua conversa em Belo Horizonte com o Dr. René Gianetti e Milton Campos, disse que o dr. Gianetti admirou-se muito do estado em que se encontram as obras da sede do Centro, pois, o Governador Milton Campos dissera-lhe que já tinha dado ordens para a continuação das obras, e telefonou ao Governador Milton Campos comunicando o assunto. Sobre a doação disse o Dr. Gianetti para não tocar no caso agora, que mudássemos para lá depois de pronta a sede e, então, o Governador Milton Campos, disse este já sua ordens ao Secretário da Viação para estudar o assunto e dar a necessária venha para o acabamento do prédio. Disse ainda o Sr. Presidente estar com muitas esperanças dado o interesse que mostraram, notando que estavam perfeitamente ao par do assunto. Conversando também o sr. Presidente com o Dr. Amadeu, disse êste que iria também a Belo Horizonte para isso. Aproximando-se do fim da negociação sobre o prédio próprio do Centro é comunicada em na reunião extraordinária da Diretoria do Centro Acadêmico em 22/06/1948, que “a verba para as obras da nossa sede do Centro se encontram no Palácio da Liberdade para ser despachada”(atas).

Mas, impasses burocráticos são revelados pelo Presidente, que conversou novamente nas férias com o Dr. Giannetti que

“O sr. Presidente comunica que conversou com o Dr. Gianetti sobre a nova sede do Centro, quando fora para as férias, e Giannetti em conversa com o Governador “estranhou ainda não termos recebido a verba, pois, já tinha dado o despacho, e não sabia o motivo da demora”(ata da reunião extraordinária da

Diretoria do Centro Acadêmico em 7-8-1948).

Sobre este impasse, em reunião ordinária da Diretoria em 30-8-1948:

“O colega Presidente comunicou que o Dr. Gianetti ainda não dera nenhuma notícia sobre o caso da nova sede do Centro. Resolvera, então, ir até Belo Horizonte e expor ao Dr. Gianetti toda a realidade e dando mais uma oportunidade para a resolução de tão difícil caso. E caso nada se resolvesse, decidiu-se entregar o caso à Assembléia Geral para resolver como achar melhor, lembrando-lhe, porém, o perigo de uma atitude precipitada, porque não temos nenhum documento de que o prédio é nosso, ao que aparenta ainda a dificuldade de lá se encontrar instalada. Falou também o colega presidente que iria governar, digo conversar com o sr. Gianetti sobre a doação do prédio. O Presidente, finalmente, ...comunicou que a verba de \$30.000,00 (Trinta mil cruzeiros) existente na Secretaria de Finanças era para a Escola de Farmácia e não para nós, mas os \$82.000,00 (oitenta e dois mil cruzeiros) são realmente destinadas ao término das obras da nova sede do Centro. Disse também que o sr. Amadeu Barbosa não os trouxera, porque alguns impedimentos não o permitira, mas a qualquer hora iria buscá-los” (ata da reunião ordinária da Diretoria do Centro Acadêmico realizada em 4-11-1948).

Um golpe é esperado pelo C.A. em reunião da Diretoria, realizada em 10 de maio de 1949. O Presidente em rápidas palavras, disse que

“soube, por fontes indiretas e não de absoluta certeza, que a casa que deveria ser a futura sede do C.A. estava por ser ocupada e que êle então, num esforço digno de aprêço, para que o C.A. tivesse sua sede própria, achava que se deveria convocar imediatamente uma Assembléia Geral Extraordinária”.

Para evitar um possível golpe, em 10 de maio,

“...o sr. Presidente salientou a necessidade de obtermos a doação definitiva do prédio, da antiga Secretaria de Finanças, em vista do Fórum local estar pleiteando o mesmo. Para evitar qualquer problema, seguiam conselhos do Dr. Gianetti que orientou para que fizesse uma mudança, para o novo prédio, assim que fôsse possível, e fizéssemos uma comunicação, para que êle, então, fôsse ao Governador do Estado, pedir para levar à Assembléia Estadual, o projeto de doação do prédio ao Centro Acadêmico” (Ata da Assembléia Geral Extraordinária de 10 de maio de 1949).

Toda esta inquietação ocorria por que estavam sendo preparadas para ser ocupadas pelo Fórum duas salas da frente, e diante disto

“resolveu então, convocar essa Assembléia, para que nela fossem discutidos os planos da mudança para a nova sede. Grande parte dos sócios presentes, ao ter conhecimento daquêle fato, protestou insistentemente, pedindo a invasão imediata do prédio, em questão” (idem)

Há uma questão que não se resolve na assembleia. 77 sócios votaram a favor da mudança, mas apenas 37 se oferecem para fazê-la. O presidente assumiu a palavra dizendo estar havendo incompatibilidade, faltando apoio para a Diretoria aí. Coloca seu cargo à disposição, e a Diretoria também. Na assembleia, protestos de que a diretoria “não podia se demitir nessa hora, em que mais precisava dela”. O Presidente reassume os trabalhos, dizendo que deixará a diretoria após se resolve o impasse do prédio.

Outro colega “sugeriu que tomassemos uma decisão rápida, evitando os aplausos, principalmente em se tratando de um assunto secreto”. Uma sugestão ocorreu, ou seja, a de se fazer a mudança para o dia seguinte às 6:00, sendo interpelado por muitos, “que pedem para a mudança ser feita, naquele mesmo dia”. Aprova-se nesta Assembléia a mudança para a nova sede, e começa uma discussão para “saber o modo mais fácil” (ata de 10 de maio de 1949). Esta decisão ficou para outubro do mesmo mês, pois não quiseram tomar soluções precipitadas.

Outro assunto discutido (na ata da Reunião Extraordinária da Diretoria do Centro Acadêmico no dia 15 de agosto de 1949), aí foi a carta ao Sr. Giannetti, para pedir-lhe verbas para a continuidade das obras de construção da nova sede, “e que êste havia respondido que providenciou com o Governador do Estado de Minas e que breve nos enviariam Cr\$50.000,00 (cincoenta mil cruzeiros)”. Para isso, “diversos membros da diretoria falaram em que se deveria terminar a construção do salão principal da nova sede, com parte da verba prometida”.

Discutiui-se que não deveria utilizar-se do fundo de reserva do Centro para as obras da nova sede para o acabamento da construção do seu salão principal, pois o prédio poderia ser requerido futuramente pelo Estado, sem nenhum ressarcimento deste montante ao Centro (ata da reunião da Diretoria 1o setembro de 1949).

A situação neste momento começa a se parecer desfavorável ao Centro, pois o colega Salym informa ao Presidente

“... ter sabido que o sr. Juiz de Direito, mais uma vez, pediu a nova sede do C.A. para o Forum, dizendo que o proprietário da casa em que êste está instalado requereu despejo, e alegando

que o prédio não se acha ocupado por nós. Foi sugerida, então, a mudança de parte da biblioteca” (ata da reunião da Diretoria aprovada em 7 de outubro de 1949).

A situação tornava-se desfavorável ao Centro pois com o incêndio do prédio do Fórum na Praça Tiradentes, este prédio estava visado para abrigá-lo, pelo constante interesse do Juiz de Direito para a sua ocupação. Para contrabalançar a situação, é ventilada a disponibilização de \$40.000,00 da Reitoria da Universidade do Brasil, pelo seu Reitor Pedro Calmon, ao Centro Acadêmico, para os serviços de instalação da nova sede (ata da Diretoria do Centro, realizada no dia 13 de abril de 1950).

Assim, o Centro se transfere aos poucos para esta nova sede no ano de 1949. Em 14 de outubro de outubro de 1950, com todos os membros, nas dependências da nova sede, salientam que a inauguração oficial será no seu aniversário, ou seja, 28 do mesmo, esperando contar com a presença dos Srs. Milton Campos e Américo René Giannetti, respectivamente Governador do Estado e Prefeito de Belo Horizonte, grandes colaboradores para as obras da nova sede.

Na reunião da Diretoria realizada em 09-8-1952, “debateu-se também sobre a Lei n.º 887 de 4 de agosto de 1952, lei esta que autoriza a doação do prédio do C.A. de Ouro Preto”, onde funcionou a antiga Secretaria de Finanças, permitindo ao Estado ocupar algumas salas do mesmo com a Coletoria até que se faça a reconstrução do Fórum, onde a Coletaria se instalará em definitivo. Esta lei foi assinado no Palácio da Liberdade, por Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 4 de agosto de 1952.

Em 12 de outubro de 1952 foi instalado no Centro Acadêmico, pelo Reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, um serviço médico dentário em uma de suas salas, e

conseguem também um telefone. Em 1953 é aprovado na Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais o projeto do Deputado Cyro Maciel que isenta o Centro “do imposto de transmissão intervivos do prédio onde funciona” (ata da sessão da Diretoria realizada em 16 de outubro de 1953).

O Centro, em toda sua atuação, não exercia predominantemente uma função política, mas sabia dialogar com os políticos. Um caso é o Governador Juscelino Kubitschek, considerado sócio benemérito do Centro Acadêmico, em Assembléia Geral extraordinária, realizada em 05 de abril de 1954, quando o membro Jadir Pontes esclarece uma questão sobre a transferência do prédio: Disse, que o Dr. Juscelino foi o autor do ante-projeto que autorizava a doação da séde, mais tarde, assinou a lei que nos isentou do imposto de transmissão intervivos”, e que, quando de sua ida a Belo Horizonte para discutir o recebimento da escritura definitiva, o Governador demonstrou “a melhor boa vontade”.

O CAEM se manteve como última sede, antes de se transferir para o atual prédio, na Praça Reinaldo O. Alves de Brito (atual Fórum), até 1960.

Neste período de atuação, foi palco de calorosos debates, nas assembléias, conferências e bastante comoção, como na Assembléia Geral Extraordinária de 13 de março de 1959. No expediente, no início dos trabalhos, foi lida uma carta enviada pelo Sr. Kleber farias Pinto na qual dizia acabar de assumir a Presidência do Parlamento universitário Mineiro (UEE). Em determinado momento da Assembléia, resolve-se aguardar a vinda da caravana que foi participar desta eleição e posse do estudante Kleber.

Nesta assembléia discute-se muito, enquanto o Presidente faz um histórico do Centro. A seguir outro colega

explica as razões para se mudar os estatutos no ano de 1934. Devido a impasses, perguntam-se poderiam, mesmo que remotamente, unir-se com os estudantes de farmácia. Então, a presidência levanta a questão de que “o acúmulo de atitudes nada condizentes e até mesquinhas da parte dos estudantes de farmácia fazia isto impossível”.

Então, definitivamente na Assembléia Geral extraordinária de 17 de março de 1959, tratando de mudanças de estatutos, do Centro que passou em 26 de outubro de 1946 a se chamar “Centro Acadêmico da Escola de Minas, com prédio próprio, decide-se sobre seu novo rumo, que é sua atual configuração. No que se refere ao “Artigo 4º: onde é: “Para ser sócio efetivo é preciso ser aluno matriculado de uma das duas escolas superiores de Ouro Preto” é modificado para “só poderão ser sócios efetivos os alunos matriculados na Escola Nacional de Minas e Metalurgia”.

O prédio atual do CAEM ocorreu após a ida do REMOP para ocupar o prédio em baixo, ou seja, o seu porão totalmente reformado, reformulado e adaptado para abrigar um Restaurante, após uma ampla reforma estrutural. Assim, em um ano e meio funcionava no mesmo prédio simultaneamente o REMOP e o Fórum da cidade. Mas por pouco tempo.

Segundo um dos fundadores do REMOP:

“... a transferência nossa do Centro Acadêmico foi a coisa mais interessante. Um ano e meio depois que o Restaurante estava instalado, que realmente criou uma situação desagradável. Lá em cima era muito grande para a justiça e o problema da refeição, lavar as bandejas depois do almoço, atrapalhava as audiências. Houve o debate para que a troca acontecesse. A troca mais harmoniosa que aconteceu”.

É importante frisar que o protagonismo do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto (DAEM) na conquista do prédio da Praça principal de Ouro Preto foi um acontecimento relevante para a história de Ouro Preto. A fundação do REMOP permitiu que novos passos pudessem ser dados para que as duas principais entidades estudantis da EMOP dividissem o mesmo prédio. Dois membros da diretoria do DAEM na gestão 1958-59 se destacaram nesse processo: Aziz Assi e Francisco Carlos Pinheiro Faro.

O CAEM nos anos 1960 e a efervescência política

Nos anos 1960, na ebulição política e cultural vivenciada no Brasil, o CAEM também esteve envolvido dentro desse novo contexto.

Nesse período, o CAEM tinha a incumbência de receber os calouros para uma festividade na sua sede, que consistia em desfile e numa série de cerimônias de iniciação dos “bixos”.

Mas na segunda metade da década de 1960 houve uma mudança na condução do trote dos “bixos”, segundo o depoimento de Paulo Pavanelli:

“Nós entramos em 1967. A Comissão de Trote escolhida pelo Centro Acadêmico tinha como Presidente o César Epitácio Maia (atual Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro). Sua atuação sempre foi política, cheia de estratégias, e uma de suas atitudes marcantes, na época, foi reduzir o trote, que ficou restrito ao corte de cabelo. O meu, por exemplo, foi no estilo Santo Antônio. Não fomos submetidos a carregar aqueles cartazes pendurados no corpo, nem aos trotes com intuídos de ridicularizar o calouro. [o calouro tomava cachaça de uma forma forçada] se quisesse. Não era obrigado. Eu sempre achei

aquele modelo de trote meio babaca, com aqueles cartazes pendurados em homens e mulheres. Naquele ano não houve. Não sei se foi discutido na Comissão, ou se foi ato de exclusiva responsabilidade dele, César. Lembro-me que muitos veteranos não gostaram. Nós gostamos. O que ele conseguiu com isso? Ele conseguiu angariar a simpatia dos calouros, dos novatos. Depois eu fui entender o porquê: na verdade ele estava tentando conquistar votos, e isso ele conseguiu. Foi um trote de reuniões e palestras. Ou seja, acabou-se com aquelas posições públicas e vexaminosas de você sair na rua (fantasiado). Tirando a questão do corte do cabelo, e em termos de exposição pública, creio que nós não tivemos mais nenhuma”.

Também foi nesse período, quando um grupo político do movimento estudantil estava alinhando com as idéias da esquerda estudantil assumiu a diretoria do CAEM, então o inevitável destino de um ambiente voltado ao lado social passou por ter ações políticas claras, conforme o depoimento de Pedro Garcia:

“O Centro Acadêmico tinha uma tradição maior na promoção de eventos na área social, ou seja, o estudante tinha o Centro Acadêmico como local de lazer, já que Ouro Preto, conforme nós já dissemos, tinha uma grande carência na área de lazer. Ouro Preto naquela época era muito pobre em atividades culturais, em atividades de lazer, como, por exemplo, locais onde você pudesse integrar um grupo para dançar ou encontrar um local para o estudante poder participar de um espaço de vida social sem ser onerado, porque naquela época todos nós em Ouro Preto tínhamos uma dificuldade muito grande para ter outras fontes de rendas que não fosse aquela estritamente de origem familiar. Era muito difícil você ter um emprego em Ouro Preto. O único emprego disponível e que era viável era ser professor de cursos secundários. Mas como a procura também

por parte dos estudantes por estas vagas era muito intensa. Elas também eram difíceis de ser conseguidas dentro da massa de alunos da Escola. Então, você tinha um estudante muito limitado no seu poder aquisitivo. A grande válvula de escape de participação social para uma vida mais social era o Centro Acadêmico. O Centro Acadêmico sempre foi tomado e mais voltado para essas atividades culturais e recreativas. E com isso o Diretório cuidava mais da parte política. O Centro acadêmico cuidava mais da parte social. Mas a partir de uma determinada época nós procuramos estes grupos de ação para politizar um pouco a atuação do Centro Acadêmico, somando esforços com o Diretório Acadêmico. Nós conseguimos unificar numa mesma corrente política a direção do Centro Acadêmico e do Diretório Acadêmico. A direita, que tradicionalmente dominava o Centro Acadêmico, foi substituída pelo pessoal que atuava na esquerda. E com isso o Centro Acadêmico passou a ter uma atuação mais próxima do Diretório Acadêmico. E isto de certa maneira era importante também do ponto de vista econômico e financeiro, pois como nós já dissemos, a questão de financiamento externo isto nunca existiu. Então, uma das formas que a gente tinha de juntar recursos para poder trabalhar mais intensamente, especialmente na área de divulgação de idéias, quer dizer, era utilizar os jornais e impressos do Centro Acadêmico e do Diretório Acadêmico para divulgar as linhas de ação e de pensamento destas correntes de esquerda. Então, quando a gente estava na Diretória do Centro Acadêmico e na diretória do Diretório Acadêmico você tinha mais facilidades para editar, pra produzir e pra distribuir uma mensagem para o conjunto de estudantes de Ouro Preto, seja secundarista, seja da Escola Técnica. Seja no sentido de realizar panfletagens na cidade alusivas a estas datas importantes ou geralmente ligada à movimentação a estas datas importantes quando você tinha uma quantidade de gente maior nas repúblicas participando. Então, a gente sempre usava para fazer as panfletagens, a divulgação de idéias e tudo mais. Isto era importante para a gente. De certa

maneira você tinha um respaldo financeiro, porque você dispunha de mimeógrafos e de facilidades para você imprimir as coisas. Facilidade entre aspas como é nos dias atuais, porque era na base do mimeógrafo a álcool, a tinta. Mas tinha que trabalhar nisto aí” (Depoimento de Pedro Garcia).

O então Tesoureiro do DAEM (gestão 67-68) e membro desse grupo de esquerda que estava no controle das duas principais entidades estudantis da Escola de Minas, também relatou que essa gestão de Pedro Garcia mudou “totalmente” o caráter do CAEM, pois segundo ele, “conosco o Centro Acadêmico se transformou” (Depoimento de Cesar Maia).

O espaço amplo do CAEM também foi importante para importantes reuniões dos estudantes para os mais diversos assuntos, inclusive que tinha como foco o atendimento de questões de interesse acadêmico dos estudantes, embora nem mesmo o aspecto estudantil deixava de ser “monitorado” por agentes da repressão que viviam no ambiente da Escola. Um dos nossos entrevistados relatou uma situação vivida dentro do CAEM nesse período:

“Tínhamos inclusive um colega que demonstrou em várias ocasiões uma postura de “espião” dentro da Escola de Minas. O chamávamos de “Capitão Evando”, que na verdade era um tenente da Polícia Militar de Minas Gerais que também era estudante de Engenharia Civil. Veja como ele atuava: certa vez os alunos do primeiro ano estavam com dificuldades com o professor Cristiano Barbosa em relação à Cadeira de Química. Eram 143 alunos com notas péssimas. Não me recordo mais o motivo que deu início ao trabalho com eles. O certo é que toda semana reunia pessoalmente com eles na boate do CAEM após o almoço para tratarmos do problema. Falava, ou melhor,

tratava a questão à luz do Regimento da Escola e do Diretório sobre o que poderíamos fazer em defesa dos alunos. Todos os 143 iam às reuniões semanais. Depois de um certo tempo, cerca de dois meses, resolveu-se por unanimidade que eles não fariam a prova de química. Como o professor não concordou em mudar a data, eles não fariam a mesma. Só um furou a decisão. Um certo dia depois desta prova num sábado eu chegava de um trabalho de campo e fui interpelado pelo Evando de que eu estava incitando os alunos à subversão. E que isto poderia complicar minha situação não só no Diretório mas na Escola. Eu simplesmente lhe respondi: “estou cumprindo o regimento Interno do DA e aquilo que nos favorece o Regimento Interno da Escola. Você não os conhece”. Não nos falamos mais. Os alunos tiraram zero e a prova foi cancelada pela Congregação, onde tive assento por três anos. Éramos realmente muito policiados” (Depoimento de Serafim Carvalho Melo).

Não seria estranho que o comportamento político dos estudantes fosse trabalhado no sentido de que eles compreendessem o contexto político da época na ótica dos que enxergavam que a mudança do quadro político viria com o posicionamento revolucionário, conforme podemos ver no relato abaixo:

“Ainda trago na memória a imagem do Cesar (Maia) na porta do Centro Acadêmico (da Escola de Minas) e do REMOP (Restaurante da Escola de Minas de Ouro Preto) e anunciando: “Leiam os pensamentos do Presidente Mao!”. Era como se fosse o Livro Vermelho condensado nas quatro páginas d’O Martelo. Foi desse jeito. Eu achei aquilo meio estranho, aquilo de um jornal de estudantes falando dos pensamentos de Mao.

Esse foi mais um impacto que eu tive” (Depoimento de Paulo Pavanelli).

A discussão sobre a vida universitária passa pela história do CAEM, que sempre foi um espaço de integração dos estudantes. Mas sempre é salutar refletir sobre o impacto de algumas entidades na formatação da vida universitária :

“Não concordo com o mestre Tristão sobre o fato de que a extinção do Curso Geral tenha sido o início do fim. Esta extinção aconteceria mais cedo ou mais tarde e ela não tornava os estudantes melhores ou piores, apenas dava-lhes uma formação mais abrangente. O fim deste curso não afetou em nada a vida nas Repúblicas. Acredito que nem todos os estudantes faziam suas refeições nas suas Repúblicas antes do advento do REMOP, sou mais propenso a pensar que muitos utilizavam o sistema de pensões caseiras (cheguei a me utilizar deste sistema quando fui fazer o vestibular). Acredito que em alguns casos o REMOP possa ter sido um desagregador da vida republicana, por retirar da República um momento de convívio. Como acredito também que alguns avanços na liberalização dos costumes trouxeram para dentro das Repúblicas uma vida social que antes não existia (sou do tempo em que moça que entrava em República era mal falada). Da mesma forma que o REMOP foi um desagregador, o CAEM também o foi quando tornou-se um dos pioneiros em disponibilizar um aparelho de televisão para que os estudantes assistissem a alguns programas de interesse. Porém foi por pouco tempo, logo a maioria das Repúblicas passou a ter o seu próprio aparelho, retirando do CAEM esta primazia e reconstituindo a vida republicana. Mais uma vez o CAEM foi fator de desagregação com o lançamento

de sua "boite", mas logo as Repúblicas responderam com suas próprias "boites". A ideologização dos estudantes também parece-me um fator natural, decorrente da melhoria do processo de informação. Parece-me até que este processo tem mão dupla. Se por um lado foi fator de desvio da objetividade escolar, por outro serviu de "combustível" para muita conversa dentro e fora das Repúblicas" (Depoimento de José Cesar Caiafa Junior).

Tudo nos leva a crer que o ideário de separação entre o enfoque político e o social no CAEM voltou com força nos anos 1970.

Um membro da diretoria dos anos 1960 nos descreveu essa separação entre o político e o social nas entidades estudantis de Ouro Preto, como o CAEM e o DAEM:

"E a representatividade em Ouro Preto tinha uma separação entre o D.A. e o Centro Acadêmico. O Centro Acadêmico era envolvido com a parte social, e o Diretório era voltado para esta questão mais paternalista, e em grande parte, para o Restaurante" (Depoimento de Octavio Elizio).

Já é reforçada essa concepção nos anos 1970: "a garantia que as pessoas queriam ouvir é que, quem estava entrando na diretoria do CAEM não ia deixar de forma nenhuma o DAEM tomar conta do DAEM" (Depoimento de Fernando ABC). Mas mesmo assim o espaço do CAEM era utilizado para reuniões políticas (já era percebido isso com muita frequência a partir dos anos 1960):

"O DAEM fazia assembleias no salão do CAEM. Mas era só a cessão do salão [pelo CAEM] e aí entupia de gente. Mas o que

era [feito] pelo CAEM e que juntava estudante era o batizado dos 'bixos'” (Depoimento de Fernando ABC).

Um assunto que sempre era levantado durante as eleições da diretoria do CAEM referia-se à necessidade de tornar a entidade com a sua documentação em dia: “A promessa era permanente e constante: toda chapa que entrava prometia regularizar os documentos do CAEM” (Depoimento de Fernando ABC).

Não poderia deixar de registrar que nos anos 1970 o CAEM foi um dos palcos primordiais utilizados para a comemoração do centenário da Escola de Minas, em 1976.

Segundo o ex-aluno Israel Barbosa,

“Na época resgatamos o Baile de Debutantes de Ouro Preto e trouxemos inúmeras boas orquestras em diversas oportunidades, bem como foi realizado julgamento de pessoa importante da época, por crime cometido, além do "Julgamento do Reitor" à época feito pelos alunos da Escola de Minas com conotação política e simbólica, culminando com a condenação do mesmo”.

Na fala de Israel percebo que as gerações dão o seu toque especial ao CAEM, bem como analiso que o valor sentimental também se faz presente quando se olha a história do CAEM com a visão do presente.

O CAEM precisa ser enxergado não apenas pelo seu lado festivo, do exagero do rock, da possível ausência de limites dos seus frequentadores e do seu lado de encontro para festas, mas também do seu lado cultural, integrador, romântico, bucólico, sentimental, generoso, humano.

O que vejo ao finalizar o presente livro é que o mesmo traz elementos fundamentais da história do CAEM, como

também aponta para a necessidade de dar ao CAEM o seu devido valor para a vida universitária e estudantil de Ouro Preto.

É preciso retirar a imagem do CAEM de um ambiente pesado, pouco cuidado e com a única utilidade para que os seus frequentadores extravasem, exagerem e se percam no rock.

Ainda vejo o CAEM como o ambiente que o ex-aluno que leva os republicanos para o CAEM para conversar, curtir e relembrar do seu tempo de estudante como se tivesse levando membros de sua própria família.

Também vejo o CAEM como um ambiente rico de possibilidades, de desafios, de esperanças. Que a imagem da antiga biblioteca, dos ex-alunos que utilizavam o CAEM como um espaço de formação humana e de intensa aprendizagem fora das salas de aulas faça parte da gerações do presente e do futuro.

Que o CAEM possa reencontrar com a cidade de Ouro Preto com toda a intensidade possível, que incentive a cidadania e cuide de cada frequentador do seu espaço com o espírito universitário herdado das melhores gerações!

Eu ainda me vejo olhando pelas janelas do CAEM no meio de muitas pessoas que ocupam o espaço e o barulho ensurdecador produzido ali buscando entender o silêncio de Ouro Preto, o patrimônio histórico em volta e analisando o significado de estar numa cidade com tanta riqueza cultural que nos ajuda a ficar inspirados e altivos.

Sou um daqueles que acredita que o CAEM não envelheceu! Que o CAEM pode continuar a renovar a cidade e os nossos sonhos juvenis! Que o centenário da entidade possa criar condições para se repensar a entidade para os próximos cem anos. Que seus desafios e a sua missão possam

estar sintonizados com a luta superada por inúmeras gerações para que o Centro pudesse construir na cidade e na universidade boas realizações e o sentimento de que estamos nessa vida para servir ao próximo, para embelezar o mundo e para cuidar daquilo que tantas gerações construíram visando o benefícios dos que viriam depois.

Com o livro não temos a pretensão de fazer a história oficial do Centro Acadêmico, mas sim de contribuir para que a história do CAEM seja melhor estudada, que novas obras possam surgir e que cada pessoa que passou por Ouro Preto conheça pelo menos o básico da história como se fosse uma lição escolar.

Só me resta dizer o meu muito obrigado a tod@s que são CAEM. Parabéns a entidade pelos seus 100 anos! O CAEM somos nós!



Aqui está o Centro que podemos oferecer à sociedade ouro-pretana. Que ella se acostume considera-lo um pouco seu, já que tanto nos auxiliou. E que o queria bem sempre, como até aqui o tem querido” (Discurso de inauguração da nova sede do CAEM, 15 de abril de 1933).

OTÁVIO LUIZ MACHADO: É professor universitário, pesquisador, escritor e documentarista. É graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É ex-aluno da República Aquarius com muito orgulho, que é uma casa na qual a gratidão que temos é enorme.

PRINCIPAIS OBRAS DO AUTOR: Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas; Múltiplas juventudes: Protestos Públicos e as Novas Estratégias de Mobilização; Movimentos Estudantis, Formação Profissional e a Construção de um Projeto de País; Aquarius: a maior república estudantil das Américas – Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

PATROCÍNIO

